

SERTÃO DE DENTRO
EPISÓDIO 2 – A TERRA
TRANSCRIÇÕES DE ENTREVISTAS

DATA: 16.06.2015

NOME: GIDEVALDO - Gil do Sindicato

ASSENTAMENTO BOA NOVA

[Entrevistador] – Tá rodando? Então, o assentamento aqui é de quando?

[Gil] – É... Foi fundando em 8 de fevereiro de 2004, portanto vai fazer doze anos agora. Foram dois mandatos de duas presidências, cada uma com dois mandatos... E a gente começou acampado, mas foi uma negociação passiva e, em menos de seis meses, a gente recebeu o termo de posse da propriedade.

[Gil] Meu nome é Gidevaldo, mais conhecido como Gil do Sindicato, por trabalhar também como dirigente sindical. E fui fundador desse assentamento aqui, o Assentamento Galiléia, em 8 de fevereiro de 2004. E são 69 (setenta e nove) famílias. Nós acampamos por um período e, logo em seguida, conseguimos a titularidade da terra, ou seja, o termo de posse... do assentamento. E, no decorrer de alguns meses, o próprio Incra cadastrou todas as famílias para que todos eles 'possa', passaram a ser realmente assentados constantes na RB do Incra, na Relação de Beneficiários do Incra.

Daí para cá, as lutas 'continuou', a gente conseguiu a construção de todas as casas. Foram construídas 69 (sessenta e nove) casas, o valor da época foi 5 mil reais, mas deu para construir casa de alvenaria. E, dividimos os trabalhos, conseguimos através [...] das políticas públicas que os assentados pudessem ter produzindo o seu sustento no próprio assentamento.

[Gil] Aqui, quando a gente já tinha o título da terra, a propriedade daqui, a gente foi fazer o projeto de habitação. A gente tinha uma sede grande, prá gente que já tinha ponto de energia... prá favorecer as questões como escola, posto de saúde, a gente resolveu fazer as casas em forma de agrovila. Pegamos os trabalhadores assentados, fizemos uma picada, dividimos a área de 15 x 35... E aí fizemos em 3 (três) ruas, onde foram construídas 69 (sessenta e nove) casas que pertencem aos assentados... Preservamos o bosque que já tinha, onde tinha a sede da fazenda e também mais próximo onde tinha a questão do curral prá criação e tudo... E aí já 'tamo' com um projeto de prá ampliação e reforma das casas.

[Gil] O projeto de abastecimento de água aqui, a gente conseguiu um recurso de 75 mil reais e conseguimos fazer um projeto para que tivéssemos água para o abastecimento de todas as famílias e o excesso de água, o excedente da água ser aplicado nos quintais para a produção de hortaliças... E vem de uma outra área de

assentamento, na distância de 8 km daqui e vem totalmente por gravidade, não tem bombas, não tem motores, não... Vem por gravidade, todas as casas recebem essa água, foi feito um sistema amplificado, todas as casas tem a água encanada de uma nascente e que... hoje... graças a Deus não temos problema de abastecimento aqui, inclusive servimos água para outras comunidades vizinhas e também servimos água para a escola aqui do município que é cedida à sede da associação pra funcionar a escola, que funciona nos turnos vespertino.

[Gil] No primeiro ano que a gente acampou aqui foi, como eu disse, em fevereiro, e aí consegui através da Federação de Trabalhadores um projeto chamado “Educar no Campo”. E aí dava aulas aos adultos no próprio acampamento. No ano seguinte, passou pra sede e aí corremos atrás do município para que colocasse escola para as crianças e hoje temos aí duas turmas... Pela manhã tem... Aliás, são três turmas pela manhã e uma à tarde e também tem o transporte escolar que leva o pessoal pra estudar na cidade quem tá no nível mais avançado de educação. Bom, a gente ‘sempre temos’, sempre preocupou aqui no assentamento em melhorar as condições das pessoas. E um dos objetivos é esse: a educação. A pessoa quando recebe uma educação adequada, [...], com certeza tem mais perspectiva de vida, de desenvolvimento, mesmo morando no meio rural.

[Gil] Então, um assentamento não se trata só da questão de estar na terra, trabalhando. Sim, é um dos objetivos, mas tem que atingir todas as políticas públicas para que essas pessoas tenham realmente uma melhoria da condição de vida e saiam da linha que estavam de pobreza e passem a ter uma perspectiva melhor de vida. E a educação vem favorecendo isso.

[Off]

[Gil] ...Assim, o Pronera, que é o Programa Nacional de Educação em Áreas de Assentamento, ele oferece alguns cursos, tanto na capital quanto nas cidades mais próximas do pólo maior, que é Vitória da Conquista. Em Salvador, nós temos dois alunos fazendo o curso de Direito [...] Eles já estão no sexto semestre de Direito.

[Off] Qual é a sua formação?

[Gil] Olha, como eu sempre morei na zona rural, aí eu estudei de 1ª a 4ª série na época, depois fiz uns 5 anos [...] e depois o Ensino Médio. Fiz alguns cursos técnicos, alguns cursos de capacitação técnica, mas minha formação maior é o Ensino Médio.

[Off] E por que você tomou interesse por essa questão da terra?

[Gil] Porque assim... Como sou filho de agricultor, que é agricultor era trabalhador rural, eu sempre tive dificuldades na zona rural, ou seja, minha família era uma família

humilde, na época a gente era agregado de fazenda, não era proprietário de imóvel rural nenhum. E, como eu tinha, sempre gostava de lidar com a questão social, participava de movimentos religiosos também, de igrejas, e aí comecei a fazer parte da direção de sindicato. A partir daí, vi que era uma possibilidade grande de acompanhar assentamentos ou de formar assentamentos para que outras pessoas pudessem ser beneficiadas como eu e como outras famílias que 'tavam' em condições assim... que precisariam de uma terra própria para trabalhar, para se desenvolver e aí encontrei essa luta aí... E hoje sou assentado e coordeno outros assentamentos, dando suporte nas minhas possibilidades.

DATA: 16.06.2015

NOME: GILSON BATISTA DOS SANTOS

LOCAL: ACAMPAMENTO MST F. FIDELIS

[Off] E há quanto tempo vocês estão acampados aqui?

[Gilson] Nós estamos há quatro anos e dois meses, né? (...) É.. quatro anos e três meses que estamos aqui...

[Off] E como é que tá a situação? Acha que vai conseguir resolver? Quando?

[Gilson] Bom... Isso aí nós não temos ainda, né... porque eu acho que tá dependendo... Eu creio que dentro da nossa direção – que são o pessoal que faz parte do MST, que faz parte da secretaria aí... Aí às vezes eles vem aqui, passa um dia ou dois, correndo atrás, né, mas por enquanto, prá nós, não passou ainda... Sempre que aparece aqui diz que está bem, que tão correndo atrás...

[Off] Correndo atrás...

[Off] E aqui no acampamento quantas pessoas tem?

[Gilson] Nós estamos com trinta e... (...) Ah, é... quarenta famílias.

[Off] E dessas quarenta famílias teve alguém que teve que ir prá São Paulo, que já andou pelo mundo afora e voltou ou não?

[Off] Não... às vezes aqui, prá São Paulo, acampado com a gente aqui, que precisou ir prá São Paulo, mas só teve uma família só, o Onildo, né... teve que voltar lá prá São Paulo e a família continua aqui... Os outros 'mesmo' sempre sai negócio de 8 dias, 15 dias, e retorna... que, por enquanto, não temos ainda como...

[off] E a esperança de quando conseguir chegar aqui e ter uma fazenda à disposição do pessoal... A esperança é fazer como? É fazer como os assentamentos aqui vizinhos?

[Gilson] Com certeza... Fazer do mesmo jeito ou procurar fazer melhor, né? É trabalhar... Nós queremos trabalhar, né...

[Off] Já tem quatro anos de espera, né...

[Off] Mas planta alguma coisa aqui prá manutenção....

[Gilson] Plantemos... Sempre estamos plantando, fazendo alguma coisa... E aguardando.... Trabalhamos um pouco com hortaliças ... O básico de feijão, milho, essas outras coisas, nós trabalhamos também...

[Off] Enquanto espera, né...

[Gilson] Exatamente...

[Off] Tem criação também...

[Gilson] Tem algum animalzinho só prá... pequeno...É mais mesmo prá ajudar na lida...

[Off] a luta aqui pela terra, teve um tempo que o pessoal não tinha perspectiva pela luta pela terra aqui e aí é quando tinha mais migração, que ia prá fora, né?

[Gilson] É... O pessoal não tinha como sobreviver e tinha que viajar... Exatamente.

[Off] Agora, a perspectiva é outra, né...O que vocês pensam disso? É melhor ficar aqui ou ainda é uma opção ir prá fora?

[Gilson] Nada... Com certeza é melhor ficar por aqui...

[Mulher ao fundo...] Aqui a gente tamo trabalhando, né, plantando... Às vezes a gente planta hortaliça, vai prá feira no sábado e... tamo trabalhando, né...

[Segunda mulher ao fundo...] ... Pro sustento da família... Tamo tendo semanal... a gente tira tudo das nossas hortas..

[Gilson] Toda semana a gente pega as duas feirinhas... tanto Poções quanto Boa Nova... com hortaliças...

[Segunda mulher ao fundo] Antes a gente já sofreu, né Gilson, porque a gente levou quatro anos em beira de corredor, esperando por essa terra aqui... E a gente sofreu muito porque não tinha como plantar... Nós não tinha água, depois que a gente passou prá aqui melhorou bastante a situação de cada um...

[Off] Quem é que mais ajuda aqui.. É os outros assentamentos... É o MSt...

[Gilson] Não, não... Por enquanto... Nós tinha uma ajuda aqui de uma cesta básica... E essa tem mais ou menos (...) um ano e pouco que não recebemos mais essa cesta básica que a gente sempre recebia mensal... e aí tiraram ela também da gente. Não sei se é porque já tamos na terra, já tamo conseguindo alguma coisinha... Não sabemos que seja por isso, né...

[Off] E quanto tempo tem que já não recebe...

[Gilson] Mais ou menos um ano e meio por aí...